

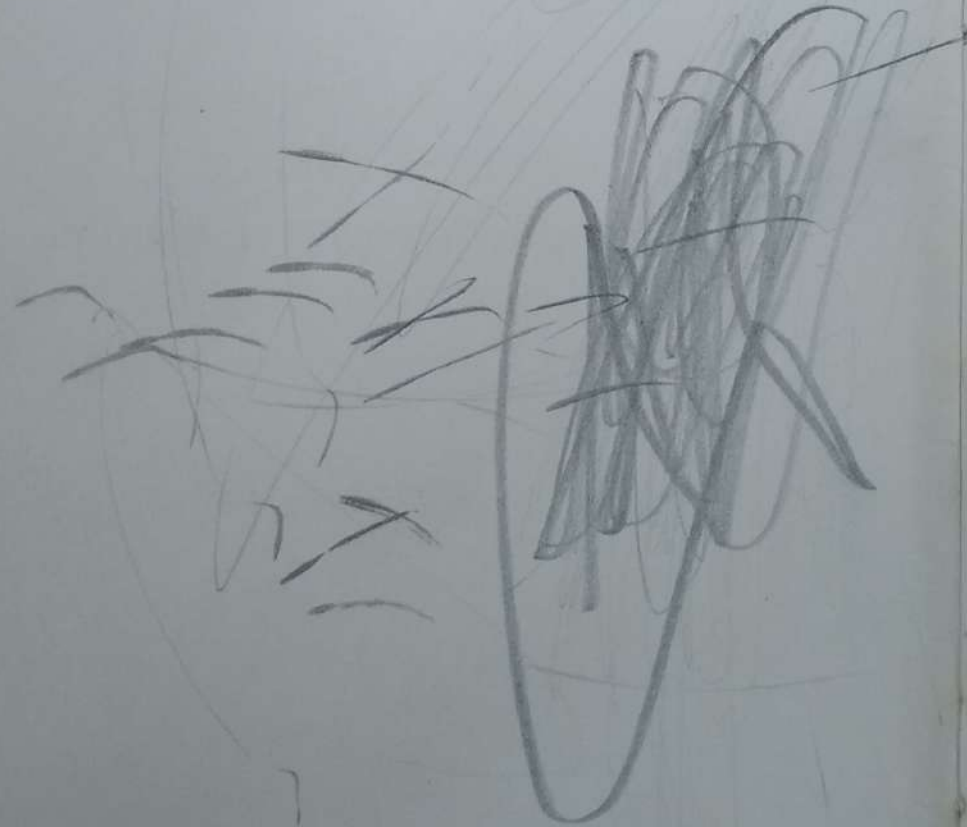


ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA

**POSSE DO
MEMBRO TITULAR**

Dr. Helion Póvoa Filho

**5to de Janeiro
10 de Agosto de 1982**



**Discurso do Acadêmico
Brum Negreiros
ao receber o novo Acadêmico
Helion Póvoa Filho**

Discurso do Acadêmico Brum Negreiros ao receber o novo Acadêmico Helion Póvoa Filho

Quando eu me apresentei ao grupo, com uma palavra de boas-vindas, Helion Póvoa Filho me recebeu com um sorriso amigável.

Ele me recebeu de volta de Helion Póvoa Filho, com um sorriso amigável, e me falou de sua vida de artista, de sua paixão por desenhar, de sua vontade de aprender, de sua vontade de crescer, de sua vontade de se tornar um profissional de verdade.

Ele me falou de sua vontade de aprender, de sua vontade de crescer, de sua vontade de se tornar um profissional de verdade.

Ele me falou de sua vontade de aprender, de sua vontade de crescer, de sua vontade de se tornar um profissional de verdade.

Ele me falou de sua vontade de aprender, de sua vontade de crescer, de sua vontade de se tornar um profissional de verdade.

DISCURSO DO ACADÊMICO BRUM NEGREIROS,
SAUDANDO O ACADÊMICO HELION PÓVOA FILHO

Há 48 anos, precisamente em agosto, esta casa máxima da Medicina brasileira recebia Helion de Menezes Póvoa como seu membro titular.

O profeta pressente, o artista sente, o sábio sabe.

No estudo da vida de Helion Póvoa, encontramos estes predicados raros em uma só pessoa. Estive perto desse homem, primeiro como aluno e depois como assistente. Conheci o profeta, o artista e o sábio.

O profeta pressente. O Brasil crescia vertiginosamente, vivido e saído de uma guerra e sociologicamente descobria o trabalhador como ente humano, mais do que como ser político e que tinha de atendê-lo em termos de massa, sem perder as características de indivíduo.

Póvoa profetizou a Medicina do trabalho, na economia da alimentação popular, fundando o Serviço de Alimentação da Previdência Social, onde marcou a direção das necessidades energéticas do operário brasileiro. A linguagem do profeta é, às vezes, ininteligível, hermética ou simbólica e, por isso, muitas vezes, Póvoa não foi entendido. Não obedeceram à sua linha no SAPS, e, apesar de numerosos, os cargos que ocupou sempre foram muito menores que o seu potencial, e, diríamos, perdemos a chance de ter um Ministro de Educação e Saúde que teria deslumbrado o mundo.

O artista sente. Sente, no significado de captação de uma idéia e na sua cristalização. O poeta artista em Camões coloca nos Lusíadas o deslumbramento do mundo pela descoberta de novas terras. O pintor artista em Picasso, captou a necessidade da saída de formas estereotipadas da pintura clássica para dar voo à imaginação do abstrato e da cor.

O artista médico em Helion Póvoa sentiu que, naquela fase em que estava vivendo, os aportes científicos eram tão grandes e abriam tantas avenidas novas para pesquisa, que, desde a sua tese de doutoramento, "Choque hemoclásico", até a sua memória de ingresso nesta Academia, "Sistema reticulo-endotelial e glicídios", escreveu mais do que sabia. Mostrou o que sentia, o que captava e que muitos ainda não entendiam.

Em sua plena maturidade, discute a participação imunológica em um fenômeno químico, metabolismo dos glicídios, aparentemente terminado com a descoberta e depois com a síntese da insulina. Os estudos de hoje, porém, demonstram que o sistema reticulo-endotelial participa de fato no mecanismo do diabetes, o metabolismo dos glicídios que o artista tinha sentido e dito há 50 anos.

O sábio, sereno, simples, majestoso, começava a falar pausado, claro e conciso. Em cátedra, expunha tudo o que sabia, mostrando devagar os pontos fundamentais e iluminando os aspectos duvidosos para convidar à reflexão. Os alunos saíam da aula, com sensação de liberdade para pensar e encorajados

para duvidar. Era esse o sábio. Nas palmas de suas mãos colocava a mente de seus discípulos e as elevava mais alto que a própria cabeça, para aumentá-lhes a perspectiva do pensamento.

A espantosa tecnologia imunológica de hoje, os milagres da engenharia genética trazem, em seu bojo, a resposta dos problemas de alimentação e energia para o homem do ano 2000 . . . Por causa desses PÓVOAS .

Helion de Menezes Póvoa se continuou em seus filhos.

O Póvoa, homem de música, jovem boêmio, absorvendo bem a grandeza da musicalidade popular, se continuou no Dr. Rodolfo Póvoa, advogado de nosso Fôro, espírito brilhante e alegre, que disputa com sua irmã Gilda a hegemonia do ritmo e vibração na família.

O Professor Helion Póvoa, catedrático dinâmico, criador permanente, fundador de cousas, reaparece em seu filho mais moço, Luiz Cesar, hoje Decano de Ciências Biológicas da Pontifícia Universidade Católica e Catedrático de Endocrinologia.

Helion Póvoa Filho, que agora se apresenta nesta Academia, é um "scholar". Embora a dinâmica tivesse ficado com Luiz Cesar, o sentido filosófico exprimiou-se melhor em Helito.

Era o segundo filho, por razões que Deus sabe muito bem, era o mais "agarrado" com o pai. Gostavam de ir juntos para Petrópolis, fazer pagamentos do caseiro de uma linda casinha que tinham no Ingelheim, perto do Hospital Sta. Tereza. Faziam longos passeios, conversa frouxa. . . iam juntos ao cinema ver fitas de mocinho, que seguramente o velho detestava, desfrutando porém o gosto da companhia do filho. Um filho que perguntava tudo, sempre e que, às vezes, o professor respondia com um "não se sabe ainda". Não dizia "não sei". O "não se sabe" era seguido de um "cresça, estude e veja se descobre".

Investigando as possíveis origens da vocação de Helito e as influências que determinaram a sua inclinação para a pesquisa, penso ter achado, nesses passeios, a estrada real. O compasso desses corações, batendo juntos, explica a harmonia intelectual de pai e filho.

Helito lembra do "Pequeno Príncipe", como o livro de carinho de sua infância. Entendo bem. Esses meninos foram criados em ambiente de amor. Dona Nair Pires Ferreira Póvoa, namorada apaixonada do marido, a quem acima de tudo admirava, foi certamente o centro que transmitiu aquela sensação de calor e beleza, que torna a infância inesquecível. Gostaria de lembrar que, aos 28 anos de idade, Fernando Pires Ferreira, bisavô de Helito, avô de D. Nair, foi o mais jovem desta Academia, eleito em 1869, com o beneplácito do Imperador, de quem era médico.

Criado em ambiente intelectual, Helito deixou desenvolver a sua tendência natural para as cousas do pensamento e, desde garoto, foi ganhador de prêmios. Obteve, no colégio, todos os troféus e láureas, compartilhando essa liderança com outro grande médico de hoje, Maurício Gonzaga.

Sua inabalável paixão pelo estudo fez com que sua mãe exigisse que mostrasse, também no esporte, a sua habilidade. Obedeceu. Inscreveu-se

na Olimpíada Colegial e voltou para casa com uma medalha de ouro. Nas costas da medalha, lia-se: "Olimpíada Colegial, Helion Póvoa Filho, campeão. Campeonato de Xadrez."

Dona Nair desistiu. Entendeu que tinha um outro Helion Póvoa, agora um Helion todo cultura como o pai, mas portando traços próprios, vivendo um mundo onde a alegria é o livro.

Treinador de memória, virtuose, sabe de cor extensos poemas. Mais ainda, é capaz de dizer palavras ininteligíveis, que, gravadas e passadas em flash-back em um gravador, fazem surgir, inteiro e lindo, um poema que havia dito às avessas, ou seja, o mesmo poema ininteligível que acabava de gravar.

Lucia Póvoa conheceu Helito em Lambari. Passava perto, quando ouviu uma linda senhora dizer a um rapaz: "Meu filho, larga esse livro, você veio aqui para descansar." "Deve ser uma fera", pensou Lucinha, "e . . . Tão bonita e bem posta. . ." E, desde esse momento, Lucia Gallotti, uma Gallotti que também amava a cultura, cuidou de atender aquele moço que gostava de ler.

Agora, aí, a história é natural. Ela gostava de livros, ele gostava de livros, ela gostou dele, ele gostou dela, têm 3 filhos e até um Helion Póvoa Neto.

Essa Lucia, soube e sabe admirá-lo. Entende o mundo dele, muito rico, participa, mas não perturba o seu ritmo. Acha o marido talvez tímido, muito objetivo, mas com um certo tom de ingenuidade, próprio dos homens bons, aqueles que só entendem um mundo bom.

Tendo sufocado o seu pendor pelo piano para obedecer à prioridade da medicina, quando surgiu o amor, o poeta intrometeu-se na ciência e apareceram versos de reconhecida qualidade literária.

Gilberto de Freitas, hoje professor de Parasitologia na Universidade de Brasília, homem de cultura invulgar, muito atuou na formação de Helion, mas, na verdade, Helion Póvoa Filho sempre foi um autodidata, reafirmando um apoio que recebeu de Luiz Capriglione e, mais tarde, de Jayme Rodrigues.

O enorme Curriculum deste cientista espelha bem uma vida dedicada à pesquisa e ao estudo. Participações em qualidade e profundidade. Estou de acordo com seu irmão Luiz Cesar, quando conversamos sobre o Helito. Está, sem dúvida, em uma cintilante curva ascendente. O que já fez, é, sem dúvida, muito pouco, comparado com o que ainda dele vamos receber.

As suas pesquisas sobre sêmen humano, assunto de sua memória de entrada nesta casa, são citadas como das mais importantes do mundo, no livro clássico de Mann sobre a bioquímica dessa secreção.

Acho que se pode sintetizar o seu prestígio internacional, dizendo que o Professor ANTONIADES de Harvard, tem feito sucessivos convites para que Helion Póvoa Filho vá substituí-lo na Cátedra.

Desta Academia, ganhou todos os prêmios, repetindo o feito de seu pai. O presidente de hoje, Professor Deolindo Couto, tão grande como o de ontem, Miguel Couto, ordena-me que repita o que Miguel Couto disse a seu

pai: "Sentimos que esta Casa, já lhe tendo dado todos os prêmios, não tenha mais outros ainda para dar-lhe."

Helion Póvoa, como um profeta, morreu num dia da Ressurreição. Quando a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro consagrou-lhe uma sessão em Homenagem Póstuma, quem agradeceu, em nome da família, tinha 14 anos e era a primeira oração que fazia em público. Termino, reproduzindo um trecho desse discurso:

"Embora muito criança, fui, meus senhores, confidente de meu pai, em seus projetos e sonhos futuros, e um deles, me disse de uma feita, era poder ver um dia trabalhos assinados Helion Póvoa e Helion Póvoa Filho."

Helion Póvoa, pai, está aqui presente, soberbo, e feliz. Acaba de realizar-se o seu grande sonho. Na eternidade dos portais desta Academia, já está escrito, Helion Póvoa e Helion Póvoa Filho.

DISCURSO DO ACADÊMICO Helion Póvoa Filho

DISCURSO DE POSSE
(ACADEMIA NACIONAL DE MEDICINA)
HELION PÓVOA FILHO

Hoje, nesta minha noite de glória,
Em que, por vós em especial bondade,
Penetrei neste sacro sodalício,
E, então, na qualidade de adventício,
Nesta magnífica homenagem flórea,
Vou a todos vós algo confessar,
Sempre desejei isto realizar,
À poesia, de inteiro, dedicar
Desde os dias de minha mocidade,
E, por incompreensível leviandade,
Sufoquei o ego feminino e artístico,
Minha alma, meu lado emocional,
E hoje, neste momento divinal,
Decidi, após estro paroxístico,
Que o permitiria triunfar
E ao paraíso, agora, alcandorar
É que, entre pretensão mais ousadia,
Eu fiz, desta fala de gratidão,
Uma rápida e férvida poesia!
Poesia é do pensar a sinfonia,
Da linguagem por música trazida,
É a arte de palavras dispendida
Com o fim de iludir a fantasia,
É a arte de com o verbo se compor,
Idêntico trabalho que o pintor
Realiza em sua escala colorida!

Senhores acadêmicos:
Walton já disse, em belo pensamento,
Que Deus tem mesmo dúplice morada,
Aquela tão comum, no firmamento,
E a outra, bem no interior do coração,
De quem já cheio está de gratidão,
Por alguma mercê presenteada,
Daí agradecer à comissão
Que a tese me julgou com isenção,
Mas com um ror de magnanimidade,
E outrossim, ao plenário tão longânime,
Que em pouco vulgar generosidade,
Também, em escrutínio quase unânime,
Concedeu-me o sonhado galardão,

De algum dia chegar a pertencer
A esta notável casa de saber,
Da inteligência médica o bastião,
Plena de nossos mores luminares,
Fulgorosos espelhos benfazerentes,
A receber a luz celestial
E não-la refletir integralmente!

As lembranças de hoje, em tempo nenhum,
Em minha mente deixarão "vacuum",
De tais ditas, não posso me olvidar,
Jamais passadas elas o serão,
Ao mesmo tempo, a fonte, o rio e o mar
Foram, são, para sempre elas serão!
Também, lembranças sempre duram mais
Que nossas realidades atuais;
Por isto, flores são por mim guardadas
E nunca serão frutos preservados!

Não falarei, senhores, demasiado,
De fato, não tem nossa geração
A grandiloquência das do passado.
E agora, na vida, houve alteração
Em que nossos problemas hodiernos
Se resolvem por homens de ciência,
Ativos, taciturnos, pouco ternos,
Mas, os de outrora, em lúcida eloquência,
Por geniais e facundos oradores
Flâmeos e portentosos faladores!
Do discursar, a mim, pessoalmente
Brota o estímulo quase livremente
Do preito à sedução da simpatia
Que exalta de cada um o sentimento.
Nasce no coração esta linguagem,
Logo retornando a ele, incontinenti,
Sempre simples, graciosa e lucescente,
Nesta dileta e amável homenagem!

Ao me formar, ouvi uma sentença,
Disse um mestre com sua experiência
Que "médicos não se formam jamais"
"Nossa medicina assim o exigiu,
Sete anos de pastor Jacó serviu,
E como ao patriarca, sete mais
Lhes seriam impostos por Labão"

A nossa Raquel, nossa devoção,
Que nos irá exigir toda a existência!
É verdade que, por período curto,
Fui, exclusivamente, um sonhador
Eu vivia em completo devaneio
Mas o dever logo me impôs bloqueio
A este estado de sáfaro sonhar. . .
E, do íntimo de mim, a dimanar
Condição de febril atividade!
E, logo após o laborioso surto,
Deixei de ser nas trevas sonhador,
Passando a viver com todo vigor!

Portava em mim um nome sacrossanto,
O que pode ser bom e também mau,
Já que a glória dum nosso ancestral
Lança luz ao redor de seu herdeiro
E ficando impossível, no entretanto,
Que uma qualquer boa ou má qualidade
Se quede a submergir na obscuridade,
Ficando expostas ao brilho total,
E também à visão do mundo inteiro!
Sacudi, dos primórdios, o marasmo,
E todo me impregnei de entusiasmo.
Entusiasmo é razão inatural,
Para um fim definido e racional!
Entusiasmo é o raio X invencível
A adentrar e revelar o invisível!
É o contágio a desprezar quarentena
E que àqueles contíguos envenena!
É a nossa voz vibrando em energia,
Entrando com as de outrem em sintonia!
É realmente, a pedra filosofal
A transmudar tudo em algo triunfal!

Cedo verifiquei que nossa ciência
Inda é a topografia da ignorância,
Teorias em completa discordância,
E assim, destarte, uma total carência,
A explicar os fenômenos da vida
E vi que árduo seria o caminhar
A quem quer nos arcanos penetrar,
Esmiuçando em sua íntima inerência!
Creio que nada é fácil nesta lida:
No nascimento, há sempre um triste choro,

E, na morte, um gemido duradouro!
Mas, atentem para esta realidade,
É nosso melhor mestre a adversidade,
As lágrimas serão nossa luneta
Para admirar estrelas lá no céu,
De fato, se as vê, melhor da valeta,
Do que num monte, lá no capitel!

Senti logo que teria de iniciar
O rémige às colunas do saber,
Àquele nível de anjos celestiais
Ou então, certamente, mergulhar
Do inferno nas profundas abissais!
Na balança da nossa profissão,
Não fica estável o fiel, jamais,
É preciso reinar e engrandecer,
Ou no entanto, servir e se aviltar,
Ser derrotado ou mesmo ultrapassar,
Como o bardo imortal: "ser ou não ser!"

Dos livros, no meu mundo me embrenhei,
Eles constituem-se em nossos fanais,
No mar imenso de nossa existência
Em verdade, eles são a metempsicose,
Símbolo e presságio da eternidade,
Mortos idos que não se vêem jamais!
Sentimos-lhe a presença valiosa
E ouvimos as mensagens imortais
E, em sua divinal benemerência,
Eles vão nos falar, nos ensinar,
E se nos abrir com toda a amizade.

Ao pendermos, em nossa vocação,
Para a especialidade de cientista
Vislumbramos sina pouco otimista
Por causa da enorme dificuldade
Mas aí vai uma límpida verdade,
Impossível deixar de exercitar
Pesquisa paralelamente ao ensino,
Visto que fundamenta uma exigência
De nossa cara e abandonada ciência!
Panorama, o ensino irá vislumbrar,
Em superfície, certo, irá espriar
Neo-perspectivas irá contemplar
E a pesquisa? Irá trevas invadir,

Segredos e enigmas irá elidir
Um analisa e estuda o conheável,
Ou tra devassa a fundo o incognoscível!
Pesquisa exercida, discretamente,
Dotar-nos-ia de superior mente,
Com melhor se nso para apreciações
De problema normal ou patológico.
Ter-se-ia assim procedimento lógico
De captar, no por vir, neo-vocações:
Futuros e jovens pesquisadores,
Brilhantes e heróicos conquistadores,
Realizando assombrosas descobertas,
Com suas mentes fúlgidas e abertas
Iriam ao mais nobre ideal se alçar
Que deve ser: com Deus colaborar!

Acadêmico Ezequiel Correia dos Santos!
Ele é o patrono da minha cadeira,
Decano da farmácia brasileira,
Tomou parte na assistência à pobreza,
Com alma repassada de nobreza,
Era pessoa de invulgar bondade,
E figura de rara dignidade!
O homem bom goza, em dobro, sua vida
Repleta de joviais reminiscências,
Pois é como ter dúplice existência,
Se de apenas ações belas garnida!
A magnanimidade jamais se alui
Do tempo na terrena imensidade
Visto que ela realmente constitui
Uma semente para a eternidade!
O homem que é bom de anjo possui o viso,
E está um tanto ou quanto deificado
Pois se ele ainda não foi ao paraíso,
O céu já se terá nele entranhado!

Acadêmico José Messias do Carmo!
Este é o nome de meu predecessor,
Médico, farmacêutico e escritor,
Diversos títulos profissionais,
Inúmeros livros e editoriais,
Excelente didata e professor.
Do grande Sêneca há um pensamento:
"Se devotares teu tempo a estudar
Da vida, o tédio, certo, evitarás,

E pela noite não ansiarás
Um fardo, para ti, não sentirás,
Nem para a sociedade inconsequente,
Mas, não obstante, deves te esforçar
A que, em tempo algum, te faças notar
Por apenas um único talento,
Mesmo se se tornar superlativo,
Já que o saber é uno e indivisivo!”

Exmo. Sr. Presidente Professor Deolindo C
Teria que prestar esta homenagem,
A vós, gênio que sois de nossa ciência,
E monstro sagrado da medicina!
Sempre vou recordar a vossa imagem,
A ministrar palestras tão lustrinas,
Repletas de substrato e sapiência!
Gênio é a essência vital da descoberta,
É do intelecto o olho e a asa do pensar,
Está sempre aos demais a liderar,
Já que à frente de sua geração!
É o fogo celestial, forte e triunfante,
Que transforma carbono em diamante,
Resplandescendo, claro e fulgurante!
O gênio que não tem religião,
É lâmpada da casa no portão,
Ela é útil só para iluminar
Todos que do lado de fora estão
E o morador no escuro irá ficar!
Além daquele mestre talentoso,
Sei que sois cristão pio e fervoroso!
Bem que se adequa a vós este dizer:
“É uma sombra, tão somente o prazer,
A riqueza tão só uma vaidade,
E o poder nada mais do que um troféu,
Mas o saber é extático, em verdade,
No espaço infindo, na fama imortal.
De durabilidade perenal!
Nada teme, submerge no vazio,
Adentra fundo a terra, voa ao céu,
Logo perscruta o mar com desvario,
Toda distância é fácil de atingir,
Tudo será possível no devir”
Nos espíritos cheios de potência,
Ao se exterminar lenta e gradualmente
Das paixões a energia marcescente,

O invencível poder da inteligência
Cresce mais, de maneira ebullente,
Qual o rio da vida a se espaiar,
E terminando no eviterno mar!
Prezado Acadêmico Brum Negreiros!
Amizade é das águas melodia,
Quais ramos balouçados pelo vento,
Quais pérolas no bátraco do mar,
Quais astros no esconjuro do firmamento
Quais aromas da rosa tão louçã,
Quais folhas no ósculo da luz solar,
Qual rócio na frescura da manhã,
Quais nuvens com o sol a mergulhar,
Quais cores em visível harmonia,
Quais as flébeis espículas do trigo,
Quais montes a se erguer além do céu,
Quais todos, é o amor de um bom amigo!
Ao escolheres, que te seja melhor,
Já que, assim, irás mesmo progredir
Se escolheres um que te seja pior,
Irás unicamente regredir,
Sempre somos propensos a adquirir
Vício, mais facilmente que virtude!
Aliás sempre foi a doença contagiosa,
Mas acho que jamais o foi a saúde!
Teco, tua amizade dadivosa
Nesta campanha foi fundamental
A que pudesse atingir meu ideal!
Sólida devoção religiosa,
És qual um rio no subterreio fundo,
Bem distante está dos olhos do mundo,
Sempre à cata de fonte divinal!
É uma estrela que brilha mais no escuro,
Árvore que, quanto mais sacudida,
Ser-lhe-ão potentes raízes inseridas,
Produzindo mais frutos no futuro!
A religião jamais pode passar,
Fumaça pode estrelas ocultar
Porém como irão lá permanecer,
Com todo o brilho vão reaparecer!
Amizade com maus é quais da aurora
Sombras a diminuir, sempre a cada hora,
Já com os bons é qual sombra da tarde,
Crescendo até o sol da vida esvaecer!
Meus queridos filhos!

Quando nasceu o meu primeiro filho,
Senti com a vida um total idílio,
Criança no lar é fonte de prazer,
Mensageiro sutil de paz e afeto,
Onde a inocência irá permanecer,
E, entre anjos e homens, um elo completo!
Quando saí com ele, a passear,
Senti-me rico, pois pegou-me a mão,
E sorriu-me, seus lábios uma flor,
A luz nos olhos, a brilhar de ardor,
Voltando pelos campos, a cruzar,
Os pássaros alegres, a cantar,
No chão, jazia uma dourada flor,
É pouco, mas pura alegria a mim,
Uma criança, a sorrir, alegre assim!
Os problemas dos filhos a sofrer,
Nos proporcionam rápido crescer,
Confortos que deles vamos colher
Um bálsamo serão à nossa tristeza,
Da existência, as mazelas a frustrar!
Os pais, nos filhos, vão se duplicar
Lhes sentimos as dores, em sua crueza,
E sempre seus prazeres a gozar
Quais se mesmo a nós fossem pertencer!
Minha querida esposa!
Da costela de Adão foi Eva extraída,
Não da cabeça para o dominar,
Nem do pé, para lhe ser reprimida,
Mas do lado para se lhe igualar,
Sob o braço para ser amparada,
Junto ao coração para ser amada!
Uma fiel companheira é a grandiosa
Obra prima do Todo-poderoso,
É dos anjos a glória esplendorosa,
De nosso Cosmos o milagre absterse,
E a única maravilha do Universo!
Por causa do teu amor,
Nova alegria encontrei,
Novos astros engastei
No céu de minha existência
Por causa do teu amor,
Pude assimilar na essência
O uso total de cada hora!
Por causa do teu amor,
Além da graça do agora,

Eu consegui lobrigar
Muito além da eternidade!
Por causa do teu amor,
Pude paciente aguentar,
Desta vida a tempestade!
Por causa do teu amor,
Consegui manter-me o porte
E a existência aureolada,
Mesmo a vida ou mesmo a morte,
Se tornaram abençoadas!

Minha querida mãe!
Sempre ela boa foi, como o é a bondade,
Com suas palavras e atos carinhosos,
E a beleza de sua mente flórea,
Guardo-a em minha memória com saudade!
Tenho do lar lembranças de alegria,
Sonhos do passado inçados de glória,
Que vêm, em noites de melancolia,
De volta a trazer fatos venturosos!
Seja o peito pleno de tais memórias,
Como o vaso de rosas destiladas,
Pode-se-o quebrar ou fora jogar,
Mas sua essência lá está impregnada
E, para todo o sempre, irá ficar!

Meu saudoso pai!
Morte é a única chave a eternidade a abrir,
Ao sono que Deus dá a seu amado,
Na manhã da feliz Ressurreição,
À casa da inquebrável afeição,
Na alegria do Todo-poderoso,
No disfarce da morte, o anjo abençoado!
Impossível que fato natural,
Tão necessário e tão universal,
Venha a se constituir em algo odioso!
Morte vem, em verdade, nos curar,
Vamos nos soerguer após cair,
E de nossos grilhões nos liberar,
E aos céus nos elevar, para reinar!
Já se tem desenhado a Morte a vir
A fim de a humanidade destroçar,
Por que não como o vulto luminar,
E bendito de Cristo a nos remir,
Morte é fim, por que não germe da glória?

Por que malquista, não louvaminhada?
Morte é derrota, por que não vitória?
Morte é partida, por que não chegada?
Não a negra visão dum ataúde,
Seria o que é o lar ao exilado,
O que é ao enfermo álgido a saúde,
O que é a amada ao amante desprezado!
Seria mesmo novo nascimento,
Pois que, a ela nos chegamos, a alegria
Por todos os neurônios radiaria,
Na grã manhã de Deus no firmamento!
Ela é do miserável o horror,
Mas é do justo o lúcido sorriso,
Que, em seu momento de ínclito esplendor,
Se eleva triunfante ao Paraíso!
A noite treda, lúgubre, irá escoar,
E, após este interregno amarescente,
Teremos doce e ledado despertar,
Na radiosa visão do Onipotente!
Sinto, ora, de meu Pai, o alegre viso,
Em sua presença dócil e leniente,
E, para mim, um plácido sorriso,
Em sua calma, junto ao Onipotente!
Qual será a mais bela estação da vida?
Logo no despontar da Primavera,
Apreciando a bela árvore florida,
A pensar extasiados: que linda era!
E, logo depois, temos o verão,
Com suas alegres aves a cantar,
Vindo realmente a todos deliciar
Com mais esta magnífica visão!
E também nos iremos enlevar
Do Outono, no soberbo despertar!
Ao chegar, porém, ao Inverno da vida,
Não haverá mais frutos nem folhagem,
A parecer desoladora imagem,
Mas veremos, pela árvore despida,
Em nossa vida, pela vez primeira,
Uma visão inédita e altaneira,
O que era impraticável discernir,
No céu, belas estrelas a luzir!

DISCURSO DO PRESIDENTE PROF. DEOLINDO COUTO

POSSE DE HELION PÓVOA FILHO

Prof. DEOLINDO COUTO

O ACAD. DEOLINDO COUTO, Presidente – Esta cerimônia desperta nos veteranos da Casa recordações insopitáveis da noite em que, ainda no Silogeu Brasileiro, se empossava um luminar da Academia, Hélión de Menezes Póvoa, grande pela inteligência e pelo saber, enamorado da investigação científica, que erigiu em fanal para o seu caminho. A solenidade não pudera ser festiva, como a de hoje. Pouco antes desaparecera o Mestre sumo que ocupou perpetuamente esta Presidência. No seu leito derradeiro, minutos antes de sucumbir, Miguel Couto chamara um discípulo dileto e recomendara-lhe que transmitisse a Hélión Póvoa o seu desgosto por não poder presidir-lhe à posse, marcada para o dia imediato. O sábio Professor, percebendo o desenlace iminente, e embora angustiado pela dor incomportável da crise anginosa que o assaltara, não esquecera a tarefa que deveria executar jubilosamente por ver no novel Acadêmico um expoente de sua classe. As sombras que desabaram sobre esta Instituição perduravam ainda quando da entrega das insígnias àquele que viria a ser um dos seus ornamentos.

Hélión Póvoa aliava aos atributos de homem de ciência um refinamento afetivo que o tornava um confrade exemplar. Fui seu companheiro no velho Hospital Nacional da Praia Vermelha, onde lhe admirei a perícia técnica e a curiosidade científica que o fizeram enveredar na senda da investigação laboratorial, embora desajudado de mentores e de recursos materiais. Quando ele se iniciou, vivia a era descrita por Frederic e Florence Wertham, na qual os patologistas gerais estudavam o organismo humano como corpo sem cabeça, enquanto os neuropatólogos estudavam o cérebro como entidade sem corpo. Os primeiros limitavam-se a superficial exame do cérebro e os últimos quase se restringiam ao exame deste. Realizando necrópsias completas e exaustivas, seguidas da histologia correspondente, Póvoa ia além, passando à experimentação, como é praxe dos patologistas modernos. Do que publicou e comunicou a sociedades e congressos pode-se avaliar quanto viria a fazer, se não sucumbisse aos quarenta e quatro anos de idade, como sucedera a Oswaldo Cruz e a Francisco de Castro.

Vemô-lo hoje redivivo na pessoa de Hélión Póvoa Filho que, não fora a sua robusta compleição física, estaria vergado ao peso de exuberante currículo, invulgar em nosso meio. Como o genitor ilustre, o recipiendário de hoje orientou-se ainda cedo para o laboratório, adestrando-se nas técnicas e meditando sobre o resultado de seu trabalho com os instrumentos mentais de que é senhor. O Instituto Oswaldo Cruz foi o palco central de sua formação, cabendo-lhe, assim, ser arrolado entre os componentes da escola criada em Manguinhos pelo chefe da medicina experimental no Brasil. Multilaureado por esta Academia, aplaudido nos congressos nacionais e internacionais,

pode envaidecer-se das duas centenas de trabalhos que redigiu. Conquistou lisamente postos universitários onde transmitiu conhecimentos a sem número de estudantes. Várias sociedades médicas do País e do exterior o acolheram de tal maneira que chega a esta por direito de conquista, bem merecendo o laudatório que lhe endereçou Brum Negreiros, nosso caro par a quem agradeço em nome da Academia a bela oração que acaba de proferir.

A Cadeira n.º 100 foi até há pouco ocupada por José Messias do Carmo, médico e farmacêutico, profissões que exerceu com dignidade e competência. Nascido na capital do Agreste Pernambucano, revelava sempre a nostalgia da sua terra e dos seus compatriotas e mantinha intactas as qualidades afetivas do sertanejo preocupado com a sina dos que viu em sua meninice lutar contra a modéstia da origem e as agruras do destino. Daí talvez ter-se preocupado com os problemas da nutrição sobre os quais escreveu uma enciclopédia ainda inédita. Seus pendores de sanitarista levaram-no ao estudo das doenças infectuosas, a participar das campanhas que as obviassem e a manter permanente culto a Pasteur, cuja vida solar lhe foi objeto de conferência e artigos. Messias do Carmo elegeu Patrono de sua poltrona Ezequiel Correia dos Santos, que foi titular da Academia e um dos líderes da classe farmacêutica em nossa terra. Às atividades principais acrescentou este a de político aguerido, como integrante de uma sociedade secreta que se constituiu logo após a dissolução da primeira Assembléia Constituinte do Brasil, a exemplo dos cientistas que sempre se preocupam com a política, quase sempre improdutivamente.

Uma referência especial cabe neste momento ao meu saudoso amigo Ministro Luís Gallotti, cuja presença imaterial é por todos percebida neste recinto.

Queiram as nobres Autoridades, as Excelentíssimas Senhoras e os Dignos Senhores aqui presentes recolher os agradecimentos que a Academia lhes oferece pelo fulgor emprestado à sessão, que declaro encerrada. (Palmas)

Solicito aos presentes que se dirijam ao Salão Nobre onde o novo Acadêmico receberá os cumprimentos.

(Encerra-se a sessão, às 22h.)